

ROUSSEAU 2.0: OU DA COMPREENSÃO PELO SUJEITO VIRTUAL¹

André de Paiva Bonillo Fernandes

Doutorando em Filosofia na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)

Mestre em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP)

E-mail: fernandes.andre@usp.br

RESUMEN

En un mundo dominado por el ambiente virtual, el método de la comprensión presupone el problema epistemológico de investigar quién es el sujeto de la comprensión. Si el desarrollo de las facultades virtuales llevó el hombre a alienarse voluntariamente de si mismo y, en el deseo de ser visto, constituirse a partir de la mirada del otro, niños y adolescentes eligieron la fama como el valor más importante de la actualidad. Si la sociedad actual es la sociedad del desempeño y de la actividad, el sujeto actual solo puede constituirse fragmentado en los, y por los, mil-espejos virtuales.

Palabras clave: Comunicación, la comprensión como método, constitución del sujeto, sujeto virtual, mil-espejos virtuales.

RESUMO

Em um mundo dominado pelo ambiente virtual, o método da compreensão pressupõe o problema epistemológico de investigar quem é o sujeito da compreensão. Se o desenvolvimento das facultades virtuais levou o homem a alienar-se voluntariamente de si mesmo e, no desejo de ser visto, constituir-se a partir do olhar do outro, crianças e adolescentes elegeram a fama como o valor mais importante da atualidade. Se a sociedade atual é a sociedade do desempenho e da atividade, o sujeito atual só pode se constituir fragmentado nos, e pelos, mil-espelhos virtuais.

Palavras chave: Comunicação, a compreensão como método, constituição do sujeito, sujeitovirtual, mil-espelhos virtuais.

ABSTRACT

In a world dominated by virtuality, the method of comprehension

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.

assumes the epistemological problem of investigating who is the subject of comprehension. If the development of virtual faculties has led mankind to alienate itself from itself and, when one wishes to be seen, to be constituted from the perspective of the Other, children and teenagers have elected fame as the most important value for these times. If contemporary society is a society for activity and performance, the contemporary subject may only be constituted as a being who is fragmented in (and by) the thousands of virtual mirrors.

Keywords: Communication, comprehension as a method, constitution of subjects, virtual subject, thousands of virtual mirrors.

ROUSSEAU 2.0: OU DA COMPREENSÃO PELO SUJEITO VIRTUAL

Uma questão de método: que sujeito está a compreender?

A compreensão como método pressupõe um problema de natureza epistemológica. Deve-se não apenas inquirir sobre o que se quer dizer com método nesse contexto específico, mas também quem ou o que é o sujeito que realiza o método da compreensão, considerando-se que seja mesmo possível falar em sujeito nos termos tradicionais.

Qualquer que seja o paradigma filosófico a que se reporte, a noção de sujeito deve levar em conta o processo de formação e educação dos indivíduos que, ao final, irão realizar a compreensão. Não é por outro motivo que o adágio inscrito no templo de Apolo, em Delfos, é adotado como lema por Sócrates.

Partiremos de Jean-Jacques Rousseau, que opõe, em pleno Século das Luzes, uma interdição aos poderes da razão: não apenas ela não é capaz de educar e melhorar o indivíduo, mas são justamente as faculdades virtuais que operam a própria degeneração e a cisão que fará o homem alienar-se de si. E é o sentido da visão que conduz ao desenvolvimento do amor-próprio e da expansão do ego narcísico, causando a alienação de si mesmo e levando o homem a julgar-se a partir do olhar alheio.

Do início, passaremos direto à sociedade atual. O movimento de alienação que se iniciou voluntário, e depois se tornou involuntário, levou à “sociedade do cansaço” (Han, 2015). Feito o diagnóstico da atualidade, veremos um exemplo de como as crianças estão se formando e quais valores lhes são relevantes, para, então, considerar o homem fragmentado em mil espelhos virtuais.

O sujeito alienado

Para Rousseau (1999a, p. 64-65), a característica que distingue o homem dos outros animais é a capacidade de se aperfeiçoar. Suas faculdades virtuais —imaginação, entendimento, razão— iniciam o desenvolvimento, dentre outros motivos, pela visão do outro. Posto tal processo em movimento, o amor-próprio² se desenvolverá e o ego narcísico se expandirá.

A visão do fogo atrai o homem, que com ele se protege e em torno dele dança e festeja, tecendo laços com seus semelhantes (Rousseau, 1999b, p. 295). A

² O amor de si mesmo, no “homem dirigido pela razão e modificado pela piedade, produz a humanidade e a virtude”, enquanto o amor-próprio é um sentimento fictício e produto da sociedade, que “leva cada indivíduo a fazer mais caso de si mesmo do que de qualquer outro” (Rousseau, 1999a, p. 146-147, nota “O”).

água, por sua necessidade geral, para homens e animais, estimulou homens e mulheres —eles, pelo rebanho, elas, pela casa—, a se encontrarem, se olharem, se emocionarem, e “à força de se verem, não podem mais deixar de novamente se verem” (Rousseau, 1999a, p. 92). Surgiu o valor da estima pública, e cada indivíduo passou a olhar os outros e a desejar ser também olhado. O melhor cantor, dançarino, orador, o mais belo ou mais forte, passou a ser mais considerado, “e foi esse o primeiro passo tanto para a desigualdade quanto para o vício” (Rousseau, 1999a, p. 92).

Se no estado de natureza o homem primitivo não possui amor-próprio, “olhando-se a si mesmo como o único espectador que o observa” (Rousseau, 1999a, p. 147, nota “O”), o homem social, vendo os outros, acabou por ver a si mesmo, voltar-se sobre si, alienando-se do exterior (Rousseau, 1999a, p. 78), de modo que as desigualdades naturais, que consistiam na diferença de idade, saúde, forças do corpo e qualidades do espírito, transformaram-se em desigualdade moral ou política (Rousseau, 1999a, p. 51).

Os desejos do homem primitivo, quando comparados com os do homem social, não diferem em sua natureza. Entretanto, enquanto aquele é movido pelas necessidades físicas, para este, o progresso da razão e da técnica multiplicou os objetos de desejo, que encontrou novas maneiras de se manifestar em multiplicadas necessidades artificiais, criadas pela expansão do ego narcísico e do desejo de distinguir-se perante o olhar alheio: “Entre os selvagens, o interesse pessoal fala tão fortemente quanto entre nós, mas não diz as mesmas coisas” (Rousseau, 1999c, p. 298, nota 1).

Assim, o selvagem olha apenas para dentro de si, sem disso ter consciência, enquanto o homem social, alienando-se, olha para si apenas de fora, “baseando-se na opinião dos demais e chega ao sentimento de sua própria existência quase que somente pelo julgamento destes” (Rousseau, 1999a, p. 115).

A sociedade do desempenho e do esgotamento

Byung-Chul Han escreve que a sociedade disciplinar descrita por Michel Foucault, constituída de “hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas, não é mais a sociedade de hoje”. A atual é constituída de “academias de *fitness*, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, shopping centers e laboratórios de genética”, e pode ser nomeada “sociedade do desempenho”. “Também seus habitantes não se chamam mais ‘sujeitos de obediência’, mas “sujeitos de desempenho e produção”: são “empresários de si mesmos” (Han, 2015, p. 23).

Se a sociedade disciplinar, em que há um Outro identificável, um normal e um anormal, em que muros e divisões nítidas delinham os espaços de uns e de outros, pode ser fundamentada na negatividade da proibição e da interjeição, a sociedade

do desempenho tende à abolição completa da negatividade, caracterizando-se pelo “poder ilimitado do verbo modal positivo”:

No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação. A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo *não*. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados (Han, 2015, p. 24-25).

Se a disciplina e a proibição não são eficazes como o desempenho no esquema positivo de poder, pois o sujeito de desempenho é mais “rápido e produtivo que o sujeito da obediência” (Han, 2015, p. 25), isso não quer dizer, contudo, que não seja ele também disciplinado (Han, 2015, p. 25-26). Se está livre da dominação e coação externa e não está submetido a outro, está apenas a si mesmo, uma vez que a “queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam” — ele se “entrega à *liberdade coercitiva* ou à *livre coerção* de maximizar o desempenho” (Han, 2015, p. 29-30, grifos do autor).

Han se reporta a Alain Ehrenberg (apud Han, 2015, p. 26) para comentar que a sociedade do desempenho produz depressivos em consequência da mudança de paradigmas: se na primeira havia um papel definido às classes sociais e gêneros, a segunda os aboliu e os substituiu pela iniciativa pessoal e pelo imperativo de a pessoa ter de se tornar ela mesma, assinalando como consequência um esgotar-se nesse esforço.

Han acrescenta que essa depressão, além da pressão por desempenho, é potencializada pela carência de vínculos em uma sociedade atomizada (Han, 2015, p. 27). Indivíduo e sociedade se tornam uma “máquina de desempenho autista” (Han, 2015, p. 56). Em um contexto de individualismo de massa, “o homem soberano, que é igual apenas a si mesmo [...] agora se transformou em norma” (Ehrenberg, 2010, p. 7), e o “direito de viver e a necessidade de tornarmos nós mesmos coloca a individualidade em um sentimento de inquietação” (Ehrenberg, 2010, p. 8).

Empresário de si mesmo, esse homem depressivo é “aquele *animal laborans* que explora a si mesmo e, quiçá, deliberadamente, sem qualquer coação estranha. É agressor e vítima ao mesmo tempo”, vivendo em “guerra consigo mesmo” (Han, 2015, p. 28-29). Seu ego e sua individualidade não desaparecem, ao contrário, “é provido do ego a ponto de quase dilacerar-se” (Han, 2015, p. 43), e o próprio pensamento se degenera em cálculo como função cerebral (Han, 2015, p. 41). Aos poucos, a sociedade ativa do desempenho se desdobra em sociedade do *doping*, do *neuro-enhancement*, enfim, do desempenho sem desempenho (Han, 2015, p. 69).

Atividade, desempenho e hiperatividade transformaram a própria percepção do tempo na sociedade. A perda da fé, não apenas religiosa, mas na própria realidade,

tornou a vida humana radicalmente transitória, onde “o futuro se encurta numa atualidade prolongada” (Han, 2015, p. 54). Sem o abrandamento do medo da morte proporcionado pelas religiões, ele se transforma em um imperativo de preservação da vida nua, mas uma preservação saudável, e ela própria, qualidade simples de viver, torna-se sagrada e deve ser protegida a qualquer custo (Han, 2015, p. 45-46).

Se na reflexão de Giorgio Agamben (2010) o local privilegiado em que se encontravam os *homini sacri* eram os campos de extermínio “*da Alemanha nazista, na sociedade de desempenho cada indivíduo carrega consigo seu próprio campo de trabalho; é, ao mesmo tempo, prisioneiro e vigia, explorando a si mesmo, não mais subnutrido e fraco, mas bem-nutrido e até mesmo obeso*” (Han, 2015, p. 47-48, grifo do autor).

Em busca da fama

Yalda Uhls e Patricia Greenfield (2012, p. 316) conduziram um estudo com crianças de 10 a 12 anos de idade para pesquisar o impacto das mídias, como eram interpretadas e como se relacionavam com suas práticas e objetivos para o futuro, pressupondo que a disseminação das tecnologias de comunicação levaria os valores culturais na direção do individualismo, expresso no desejo por fama, definido como “o motivo ou o comportamento de buscar reconhecimento público, tanto positivo como negativo, em uma escala além da rede imediata de amigos, comunidade e família, independentemente da realização de alguma atividade específica”.

As crianças deveriam escolher um ou dois valores por elas considerados os mais importantes, segundo a lista previamente definida (sentimento de comunidade, imagem, benevolência, fama, autoaceitação, sucesso financeiro e realização). Em seguida, escolher entre três programas de televisão para assistir: *iCarly*, *Hannah Montana* e *NBA All Star Game*. Depois de uma breve discussão, preencher um questionário. Em todos os grupos, pelo menos uma das crianças escolheu como principal valor a fama. No total, 40% listaram-na como objetivo futuro.³

Nas discussões, notou-se que a fama estava relacionada com dinheiro e atenção, pois os outros saberiam quem elas eram e gostariam delas (Uhls; Greenfield, 2012, p. 319), assim como ter audiência online poderia ser entendido como ser uma celebridade (Uhls; Greenfield, 2012, p. 320).

Questionados sobre como a fama poderia ser obtida, uma garota ligou seu desejo

³ As pesquisadoras comentam que não há dados disponíveis para comparação. Um dos poucos estudos teria sido realizado em 1952-53, mas em diferente faixa etária. Nele, apenas 2% de adultos e 4% de adolescentes procurariam um trabalho que lhes desse fama. As principais escolhas foram, para os jovens, experiências interessantes e possibilidade de autoexpressão; para os adultos, autoexpressão e independência (Singer; Steffle, 1954, p. 90).

de cantar à atriz Miley Cyrus, intérprete de *Hannah Montana* e cantora, que transmitia uma imagem que ressoava nos desejos de atenção, reconhecimento e diversão. Outra, desejando ser designer de moda, pensava ser possível aceder ao cargo de vice-presidente de uma empresa apenas por estar vestindo uma roupa que agradasse ao presidente, pois assim vira em um programa televisivo. Um garoto estava montando um canal no YouTube com o objetivo de conseguir mais de 1 milhão de seguidores (Uhls; Greenfield, 2012, p. 321).

Mesmo as crianças sem grande entusiasmo em buscar fama e carreiras similares às das jovens celebridades “se mostram bastante conscientes de que esse caminho existe, e começa em uma idade bem jovem”, e já “usaram as mídias digitais para encontrar uma audiência online”. Elas próprias já haviam postado vídeos online, ou conheciam crianças e adultos que o haviam feito.

Assim, o desejo por reconhecimento estaria se transformando em desejo por reconhecimento público em mídias online (Uhls; Greenfield, 2012, p. 321). Sem contar que, em alguns casos, o encorajamento, ou a própria postagem, partia dos adultos e, independentemente da intenção, o exemplo transmitido seria o de que quaisquer atividades deveriam ser vistas e conhecidas por mais pessoas do que apenas os círculos mais próximos de convivência. Como consequência, a internalização dessas mensagens implícitas levaria não apenas crianças, mas também adultos, a buscar a validação e o reconhecimento de suas atividades por uma audiência cada vez maior (Uhls; Greenfield, 2012, p. 322).

As crianças, além de conscientes sobre o alcance das mídias digitais, mostraram-se sensíveis ao tamanho da audiência, comparando a satisfação de ter um vídeo com duzentas visualizações em um ano com a frustração de vídeos postados há menos de uma semana terem milhares (Uhls; Greenfield, 2012, p. 322). Não “conheciam” todos os amigos, não saíam ou conversariam com alguns face a face, mas sabiam que lhes assistiam, e sua performance era também dirigida a eles (Uhls; Greenfield, 2012, p. 323).

Mesmo em atividades tradicionalmente associadas ao trabalho em equipe, os valores da fama e do sucesso individual estavam sendo assinalados, a ponto de um garoto não se importar em jogar em um péssimo time da NBA,⁴ que nunca tivesse ganhado um campeonato, desde que pudesse ser a estrela – não demonstrando, neste sentido, qualquer desejo pela vitória do clube ou sequer por aprender o esporte (Uhls; Greenfield, 2012, p. 323).

Ao abordar trabalho comunitário, a conversa que houvera começado sobre o significado de seu valor se transformou em uma discussão sobre exposição

⁴ N. E. *National Basketball Association* (NBA) é a maior liga de basquetebol profissional norte-americana e talvez a de maior projeção mundial. Alguns de seus atletas gozam do status de verdadeiras celebridades.

mediática e acesso a autoridades políticas, sendo que “fama, audiência e performance revelaram-se como motivadores extrínsecos para uma variedade de atividades”, com o valor do reconhecimento público migrando do mundo digital para espaços associados a valores comunitários (Uhls; Greenfield, 2012, p. 323).

Como conclusão, as pesquisadoras consideram que a disseminação das mídias digitais e sociais moldaram e encorajaram o valor da fama e suas diversas expressões nas manifestações públicas das pessoas, de si próprios (Uhls; Greenfield, 2012, p. 315). O próprio slogan do YouTube, “transmita a si mesmo”, seria uma clara determinação para mostrar-se a audiência mundial, cujo grau de fama pode ser medido e comparado por visualizações e pontuações, elevando ainda mais o desejo de se exibir e urgente e incessantemente compartilhar atualizações sobre suas vidas (Uhls; Greenfield, 2012, p. 316), com jovens e adolescentes se tornando “cada vez mais focados em si, irrealisticamente ambiciosos e orientados para o sucesso material —todos valores individuais que se coadunam com o valor da fama” (Uhls; Greenfield, 2012, p. 315).

Com a facilidade de compartilhamento da vida, fama e exposição pública se tornaram acessíveis muito antes do que normalmente o seriam, fazendo com que crianças aprendam antes sobre elas que sobre a sociedade (Uhls; Greenfield, 2012, p. 317). Nesse estágio de desenvolvimento, em que crianças buscam o reconhecimento social e a aceitação dos pares, estímulos de fama e sucesso podem parecer extremamente chamativos e resultam em adultos também usuários de redes sociais.

Ainda que as aspirações infantis mudem ao crescer, nessa idade seus valores e personalidades começam a se formar, e deveria ser motivo de preocupação o fato de que nenhuma tenha mencionado a desenvoltura de qualquer habilidade específica para se alcançar fama. Não fosse o suficiente, a facilidade de amearhar seguidores parece dar a impressão “de que a fama está à ponta de seus dedos. Essas ferramentas podem estar cultivando a cultura da recompensa proveniente de uma audiência virtual, amplificando um desejo por fama e reconhecimento público por toda e qualquer ação” (Uhls; Greenfield, 2012, p. 324).

A individuação, ou do espelho

Nise da Silveira (1997, p. 77), comentando a teoria de Jung sobre o processo de individuação, diz que a tendência de todo ser é realizar o que nele existe, em germen, e completar-se, mas que apenas os homens podem dele tomar consciência e influenciá-lo. Por ocorrer somente no confronto de consciente e inconsciente, Marie-Louise von Franz (2008, p. 211-212) nota que, entretanto, ele não pode ser totalmente direcionado pelo esforço consciente.

A individuação não consiste em um processo linear, mas em um “movimento de circunvolução que conduz a um novo centro psíquico” (Silveira, 1997, p. 77),

denominado *self*, a totalidade absoluta da psique, “fator de orientação íntima, diferente da personalidade consciente, [...] centro que provoca um constante desenvolvimento e amadurecimento da personalidade” (Von Franz, 2008, p. 213). Se o *self* é o centro da personalidade total, o ego é o centro do consciente (Silveira, 1997, p. 77) e sua função é iluminar todo o sistema, permitindo o ganho de consciência e tornar o *self* realizado (Von Franz, 2008, p. 213).

Para que se realize, o ego deve se desembaraçar e “entregar-se, sem qualquer outro propósito ou objetivo, ao impulso interior de crescimento” (Von Franz, 2008, p. 214). E o primeiro estágio da individuação é a dissolução da persona.

Ao interagir com o mundo, as pessoas acabam por assumir papéis e aparências que podem não corresponder ao seu ser autêntico, e a essa aparência artificial Jung nomeia persona, derivando-a das máscaras utilizadas para designar as personagens no teatro helênico. Conquanto permita a ação e o cumprimento de papéis sociais, a persona pode ser “tão excessivamente valorizada a ponto de o ego consciente identificar-se com ela. O indivíduo funde-se então com os seus cargos e títulos, ficando reduzido a uma impermeável casca de revestimento” (Silveira, 1997, p. 79). Quanto mais identificados, tanto mais difícil dissolvê-la.⁵

Silveira lembra, como exemplo do conceito de persona, o conto *O espelho*, de Machado de Assis. Nele, é contada a história de um jovem simples, que se torna alferes da guarda nacional e que teoriza ter o homem não uma, mas duas almas: “uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro. [...] A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa” (Assis, 2015, p. 313).

Para ser completo, o homem deve possuir as duas almas em equilíbrio, pois “está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira [...]. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira” (Assis, 2015, p. 314).

Diz ele que aos vinte e cinco anos acedera ao posto, e certo dia fora convidado por uma tia a visitá-la em seu sítio. Lá, em vez de Joãozinho, passara a ser chamado de alferes, ou senhor alferes, seja pela tia e seu irmão, seja pelos escravos. Em tudo tivera precedência. Fora posto em seu quarto a melhor peça de mobília da casa, um grande espelho, “obra rica e magnífica”, que, apesar de velho, viam-se ainda os detalhes e caprichos do artista” (Assis, 2015, p. 315).

⁵ Se o processo de individuação for bem-sucedido, “a consequência será a totalização do ser [...]. O indivíduo já não estará fragmentado interiormente, não se reduzirá a um pequeno ego crispado dentro de estreitos limites” (Silveira, 1997, p. 88).

Aos poucos, todas as medidas e atenções “fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou [...]. O alferes eliminou o homem”, e “aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem”, e restara apenas a parte “que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado” (Assis, 2015, p. 315).

Quando a tia recebera a notícia de que uma filha sua estava por morrer, partiu, deixando o alferes no sítio, em companhia dos escravos. Sentiu-se, imediatamente, oprimido, pois era “a alma exterior que se reduzia” (Assis, 2015, p. 315). Os escravos fugiram, deixando-o só, e “nunca os dias foram mais compridos [...]. As horas batiam de século a século”; sentia-se “como um defunto andando” (Assis, 2015, p. 316-317). O sono trazia um certo alívio, não pelo esquecimento, mas porque em sonho fardava-se com orgulho, era chamado de alferes e bajulado (Assis, 2015, p. 317).

Durante a solidão, não se olhara vez alguma no espelho, não por deliberação, mas por impulso inconsciente, por receio de não se ver, ou ver-se dividido em dois. Quando decidiu olhar-se no espelho para confirmar a divisão, “o próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra” (Assis, 2015, p. 317). Estando a ponto de ir embora, por não mais suportar aquela situação, teve a ideia de vestir a farda:

Vesti-a, aprontei-me de todo; [...] o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. [...] Olhava para o espelho, ia de um lado para o outro, recuava, gesticulava, sorria, e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regime pude atravessar mais seis dias de solidão, sem os sentir... (Assis, 2015, p. 318).

Repitamos a pergunta: quem é o sujeito da compreensão na era digital?

Considerações finais, ou dos mil espelhos virtuais

O movimento de alienação descrito por Rousseau é fundamental para nossa análise, pois o homem se alienou voluntariamente, ao sair do estado de natureza e constituir a sociedade. Desejou ser visto pelo outro, desejou ser considerado, desejou ser estimado, e assim o fez. Instaurada a sociedade, talvez a voluntariedade não seja mais exigida para o homem alienar-se, se transformando em um processo quase, ou totalmente, involuntário.

Vimos que a exposição, a fama pela fama, pelo simples reconhecimento de uma audiência virtual se converteu em valor fundamental.

Evidenciamos que esse processo se associou à atual sociedade do desempenho, da performance, do esgotamento no processo de ser a si mesmo todo o tempo. Ter iniciativa e produzir sempre mais, realizando diversas tarefas simultâneas, converteu-se em um valor: a multitarefa. Porém, ela é a marca do indivíduo fragmentado, incapaz de mergulhar em profundidade, seja na ação que está a desempenhar, seja em sua própria imensidão psicológica.

Se antes os verdugos eram externos, atualmente o indivíduo é seu próprio vigia e carrega seu próprio campo de trabalho, para não dizer de extermínio. Não há mais local de trabalho, local de prazer. O trabalho pode ser realizado em qualquer lugar, e o prazer deve, também, ou sobretudo, ser atingido no trabalho.

Corrijamos. Não é o indivíduo seu próprio vigia, mas o virtual, os múltiplos olhares virtuais, sempre atentos, contidos em qualquer *smartphone*, pois lá o indivíduo se constituiu e constata a sua existência.

Deixamos para o último momento a reflexão sobre o processo de individuação justamente para demonstrar que o sujeito virtual, o sujeito formado na sociedade atual é fragmentado. Se Machado de Assis falava de um espelho que refletia a imagem, a alma exterior, do alferes, diríamos hoje que se trata não de um espelho, mas de uma miríade de espelhos. Mais do que isso: olhares virtuais, espelhos virtuais.

Porém, não se trata mais de imagem refletida, pois a reflexão pressupõe que haja algo no sujeito para isso. Pelo que vimos, o sem-fim simultâneo e urgentemente ininterrupto de espelhos virtuais se tornou a própria constituição do sujeito. A identidade, com o ego fundido à persona, é já constituída no próprio mundo das redes e mídias sociais, e cuja existência e dignidade só é constatada por número de seguidores, compartilhamentos e curtidas. Caso contrário, não há sujeito, não há pessoa. Diríamos que talvez o processo de individuação não seja mais a constituição do *self*, mas do *selfie*: imagem que se faz de si mesmo, destinada a angariar *likes*. É comum que a pessoa, ao perder, ou ter roubado, seu celular, lamente-se e diga que sua vida estava lá! Aqueles mais precavidos guardam suas informações na nuvem; portanto, sua vida está no ambiente virtual e não precisa mais da materialidade dos objetos.

Que compreensão, que método compreensivo, pode existir, quando sujeitos são formados no, e pelo, mundo virtual, fragmentados, em que as relações sociais são intermediadas justamente por esse mundo virtual, em que pessoas não interagem com pessoas, mas perfis com perfis, canais com canais, personagens com personagens? É algo que carece ainda de aprofundamento. Porém, o primeiro passo é justamente reconhecê-lo, e a expressão, quase profética, de Rousseau, *faculdades virtuais*, nunca foi tão relevante.

Vivesse Descartes hoje, diria: penso, tiro um *selfie*, posto, recebo curtidas, logo existo.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. 2010. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Tradução de Henrique Burigo. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- ASSIS, Machado de. 2015. O espelho. En: LEITE, Aluizio; CECÍLIO, Ana Lima; JAHN, Heloisa (Orgs.). *Obra completa em quatro volumes*. 3. ed. v. 2. São Paulo: Nova Aguilar.
- EHRENBERG, Alain. 2010. *The weariness of the self: diagnosing the history of depression in the contemporary age*. Montreal: McGill University Press.
- HAN, Byung-Chul. 2015. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. 1999a. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. São Paulo: Nova cultural (Coleção Os Pensadores, vol. 2).
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. 1999b. *Ensaio sobre a origem das línguas*. São Paulo: Nova cultural (Coleção Os Pensadores, vol. 1).
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. 1999c. *Prefácio de "Narciso"*. São Paulo: Nova cultura (Coleção Os Pensadores, vol. 2).
- SILVEIRA, Nise da. 1997. *Jung: vida e obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- SINGER, Stanley L.; STEFFLRE, Buford. 1954. Age differences in job values and desires. *Journal of counseling psychology*, vol. 1, n. 2, p. 89-91.
- UHLS, Yalda T.; GREENFIELD, Patricia Marks. 2012. The value of fame: preadolescent perceptions of popular media and their relationship to future aspirations. *Developmental psychology*, vol. 48, n. 2, p. 315-326.
- VON FRANZ, Marie-Louise. 2008. O processo de individuação. En: JUNG, Carl Gustav et. al. (Orgs.). *O homem e seus símbolos*. 2. ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 154-224.